

Terror e liberalismo

Publicação: [O Mundo em Português Nº56](#)

Data de Publicação: Setembro/Outubro de 2004

Autor: Roberto Aliboni

Paul Berman, Terrore e liberalismo. Perché la guerra al fondamentalismo è una guerra antifascista, Torino, Einaudi, 2004 (titolo originale: Terror and liberalism).

Paul Berman, escritor e jornalista «liberal» – que, no contexto americano, se assemelha à social-democracia europeia –, apresenta neste livro a tese de uma continuidade entre o totalitarismo europeu do século XX e o totalitarismo, secular ou religioso, do moderno Médio Oriente, grosso modo a região árabe-muçulmana. Em consequência, afirma que a guerra contra o regime de Saddam Hussein e a guerra contra o terrorismo são uma necessária continuação da Segunda Guerra Mundial. Em ambos os casos, estaríamos contra ataques à sociedade liberal e ao liberalismo como modelo de organização social que se contrapõe ao totalitarismo. O autor examina as motivações, mais ou menos plausíveis e inteligíveis, da administração Bush e sublinha que a decisão de fazer a guerra foi correcta, mas não pelos motivos certos, pelo que se corre o risco de perder uma guerra que é essencial vencer. O que está em causa nesta guerra é novamente o liberalismo. Resgatado e reforçado com a Segunda Guerra Mundial, o liberalismo está de novo em risco, não só no Médio Oriente mas também no Ocidente, pois o totalitarismo islâmico já não se limita a actuar na sua região e levou a sua ofensiva a território ocidental.

Berman examina separadamente o totalitarismo secular, que é ideologicamente mais próximo do totalitarismo europeu do século XX, e o religioso, mais autóctone, sendo a expressão do fundamentalismo corânico mas que num plano mais geral também faz parte do filão totalitário antiliberal. A ligação ideológica entre fascismo, nazismo e social-nacionalismo pan-árabe já foi anteriormente sublinhada. A influência, não somente ideológica mas também de estilo, do fascismo, do franquismo e do nazismo sobre a política árabe em geral, e em particular sobre o pan-arabismo, é indubitável. Berman sublinha justamente que o culto da morte liga aqueles movimentos europeus ao nascente pan-arabismo, ao jahidismo e ao terrorismo árabe-muçulmano: do «Viva la Muerte» dos falangistas à preparação dos «mártires» do Hamas destinados ao suicídio.

Todavia, se não há dúvidas que Michel Aflak leu Fichte, pode-se afirmar que a sua doutrina, como um pouco toda a literatura ideológica pan-árabe, tende a ser eclética e sincrética. Assim, a filiação pode ter um carácter superficial, devendo a sua análise ser extremamente cautelosa.

Menos aceitável é o seu exame do fundamentalismo islâmico como totalitarismo, feito essencialmente pela via da análise das traduções inglesas da obra de Sayyid Qutb, um dos maiores teóricos da reforma religiosa islâmica. O seu exame procura demonstrar o carácter totalitário do fundamentalismo de Qutb para construir uma oposição clara entre o Islão e o liberalismo. Berman não esconde a sua admiração por Qutb, uma admiração intelectual e também humana. Na verdade, Qutb é um autor de uma profunda inteligência e honestidade intelectual, destinado a conquistar mesmo aqueles que estão em profundo desacordo com as suas teses. No entanto, não pode ser interpretado como prova da oposição insanável entre Islão e liberalismo. Esta interpretação aparece como unilateral, especialmente quando confrontada com um autor tão elaborado como Qutb, e não toma em consideração a ampla produção teórica que hoje reconstrói os fundamentos liberais do Islão. Tais fundamentos existem, independentemente do facto de serem poucos os que no mundo árabe-muçulmano têm uma perspectiva política liberal concreta.

A obra de Berman não é uma investigação mas sim um panfleto e é como tal que vale a pena lê-la. O estilo é um pouco bombástico, o que por vezes é fatigante e o autor cai por vezes em simplificações excessivas. Mas a tese é um bom contributo para o debate em curso, não tanto para a discussão sobre o pan-arabismo e o fundamentalismo, mas sobretudo para a discussão das consequências da actual política da administração americana para o liberalismo. A verdade é que a plataforma liberal é tão mal sustentada pela equipa de Bush que é maior o risco de a danificar do que as hipóteses de a proteger. O livro merece, assim, a leitura, mesmo porque se apoia num sólido aparelho intelectual, no qual a obra dos «filósofos» franceses, e dos intelectuais e estudiosos europeus de uma forma geral, tem um destaque muito maior do que é habitual encontrar na produção política americana.